



ARTIGOS





GÊNERO E PODER: LEONOR TELES, RAINHA DE CORAÇÃO CAVALHEIRESCO

Miriam Cabral Coser*
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo

O artigo faz uma análise do perfil da última rainha da dinastia de Borgonha em Portugal, Leonor Teles (1350-1386), traçado pelo cronista da dinastia de Avis, Fernão Lopes. A rainha que emerge das crônicas de Fernão Lopes persiste teozantemente no intuito de fazer valer seus direitos de regente, que de fato constam do tratado de Salvaterra, lidando em pé de igualdade com os homens mais influentes de Portugal e Castela. O cronista desenvolve uma narrativa hábil no sentido de deslegitimar o poder conferido à regente Leonor pelo rei D. Fernando, identificando-a a Eva, o oposto do grande modelo feminino na Idade Média, o modelo mariano. A eficácia deste discurso é impressionante, chegando a influenciar a historiografia portuguesa até o séc. XX.

Palavras-chave: gênero, poder, Idade Média, Portugal, crônicas

Abstract

The article analyzes the profile of the last queen of the Borgonha dynasty in Portugal, Leonor Teles (1350-1386) drawn by the chronicler of the Avis dynasty, Fernão Lopes. The queen who emerges from Fernão Lopes's chronicles perseveres obstinately in her determination of legitimizing her rights as a ruler, which in fact are referred to in the Salvaterra Treaty, by which she would be dealing as equal to the most influential men in Portugal and Castela. The chronicler develops a narrative effective in making illegitimate the power conferred upon the Ruler Leonor by King D. Fernando, identifying her with Eve, the opposite of the great feminine model in the Middle Ages, the Marian model. The efficacy of this discourse is impressive, even influencing the Portuguese historiography until the XX century.

Key words: gender, power, Middle Age, Portugal, chronicles

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e Professora Adjunto I da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ministrando as disciplinas de História Medieval e Introdução ao Estudo da História nesta universidade. Coordena o GT de Gênero da ANPUH - RJ, ao lado da professora Caetana Damaceno. E-mail: miriamcoser@yahoo.com.br

A última rainha da dinastia de Borgonha, Leonor Teles, é uma das personagens históricas mais odiadas em Portugal. Uma espécie de Joaquim Silvério dos Reis, Leonor foi assim caracterizada por um importante historiador português em plena década de 1960: “Ambiciosa e perversa, de tal forma conseguiu insinuar-se no ânimo de D. Fernando – quando das suas estadas no Paço, a pretexto de visitar sua irmã – que o rei *Formoso*, indiferente a todos os conselhos e subestimando altos interesses nacionais, resolveu unir-se a Leonor Teles”.¹

Objetivamente, sabemos que Leonor Teles nasceu numa das mais antigas províncias portuguesas, a de Trás-os-Montes, em 1350. Descendia por parte de pai de Fruela II, rei de Leão e Galiza, e por parte de mãe de D. Sancho I (uma de suas avós era filha bastarda do segundo rei de Portugal). Aos 22 anos, era casada com o senhor de Pombeiro, com quem tivera o primeiro filho, quando conheceu o rei D. Fernando. Obteve então a anulação de seu casamento para unir-se ao rei português em Leça do Bailio, em 1372, após um suposto casamento clandestino em Lisboa. No ano seguinte, nasceu a filha Beatriz.

O reinado de D. Fernando foi um período especialmente conturbado para Portugal, num quadro de pestes, escassez de alimentos e sucessivas guerras, principalmente contra Castela, gerando uma insatisfação latente, em especial nas cidades. O casamento do rei com Leonor frustrou acordos que seriam mais vantajosos para o reino, levando à oposição de diferentes setores, já descontentes com o quadro político e econômico em que se encontrava Portugal. A filha do casal, Beatriz, por sua vez, foi objeto de uma série de acordos de casamento, até finalmente se tornar esposa do rei de Castela, D. João, aos 11 anos de idade.

A morte de D. Fernando (1383) fez da rainha a regente, levando à aclamação de D. Beatriz e seu marido, D. João I de Castela, reis de Portugal, conforme determinava o tratado de Salvaterra. A insatisfação por parte das cidades intensifica-se e Andeiro, homem forte no reinado de D. Fernando e tido como amante de Leonor, é transformado em bode expiatório e acaba assassinado pelos partidários de D. João, Mestre de Avis, meio irmão de D. Fernando e pretendente ao trono. Leonor Teles, determinada a permanecer regente, recusa-se, por um lado, a fazer um acordo e casar-se com o Mestre e, por outro, a abrir mão do reino para o seu genro castelhano. Acaba prisioneira no Mosteiro de Tordesilhas, em Castela, onde morreu em 1386. O assassinato de Andeiro, a prisão de Leonor e a guerra travada entre os partidários de D. João, Mestre de Avis, contra D. João de Castela configuram os principais elementos da Revolução de Avis (1383-1385) em Portugal, que levaria uma nova dinastia ao poder.

A intrigante figura de Leonor, que ainda recentemente era retratada tão negativamente pela historiografia portuguesa, durante séculos foi vista sob a ótica do principal cronista da dinastia de Avis, Fernão Lopes. A proposta do presen-

te trabalho é analisar a forma com que o cronista traça o perfil da rainha em suas crônicas, de forma a identifica-la com o partido castelhano a aponta-la como inimiga do reino português.

Fernão Lopes foi o primeiro cronista oficial do reino português, imbuído pela nova dinastia da tarefa de contar a história de Portugal, através dos feitos de seus reis. Desta forma, escreve três crônicas em ordem cronológica: *Crônica de D. Pedro*, *Crônica de D. Fernando* e *Crônica de D. João I* (partes I e II)². Cronista singular, Fernão Lopes acumulava as funções de tabelião mor e guardião da Torre do Tombo, onde ficava guardada a documentação oficial do reino. Essa dupla função de cronista e tabelião foi determinante para a realização de suas crônicas, sempre que possível embasadas na documentação de que tinha acesso.

Alguns estudiosos de Fernão Lopes têm procurado identificar as seqüências narrativas que formam a estrutura de cada crônica. Assim, João Gouveia Monteiro³, seguindo critérios de Mário Martins⁴, identifica ao longo da *Crônica de D. João I* (parte I) as “frases de ligação” que marcariam a existência de vinte quadros-chave ao longo do texto. A identificação desses segmentos narrativos, entretanto, não se mostra funcional quando se trata de analisar uma determinada personagem da crônica. Para seguir o perfil de Leonor Teles traçado por Fernão Lopes, foi preciso seguir o fio da narrativa que diz respeito a essa determinada personagem.

Leonor Teles é personagem de Fernão Lopes na *Crônica de D. Fernando* e nas duas partes da *Crônica de D. João I*. Em primeiro lugar, na *Crônica de D. Fernando*, identificamos, de forma cronológica e temática, cinco segmentos em que ocorre a evolução da personagem no texto. O primeiro (cap. LVII a LXIV) começa com a aparição de Leonor Teles na crônica até o anúncio público de seu casamento com o rei). No segundo segmento (cap. LXV a CXIV), Leonor já é oficialmente rainha e começa a influenciar nos assuntos do reino, sendo culpada pelos problemas enfrentados. Num terceiro segmento (cap. CXVI a CLVI), começam os rumores acerca de seu envolvimento com o conde Andeiro, assim como a sua reação. O quarto segmento (cap. CLVII a CLXXII) é caracterizado pela intensificação das negociações acerca da sucessão ao trono (acordo de casamento de Beatriz com D. João de Castela), coincidindo com a doença e morte do rei D. Fernando. Finalmente, no quinto segmento (cap. CLXXIII a CLXXVIII), Leonor torna-se regente de Portugal e procura assegurar o futuro de Beatriz como rainha.

Na *Crônica de D. João I*, parte I, identificamos também cinco segmentos distintos na trajetória de Leonor Teles. O primeiro (cap. I a XI) é caracterizado pelas negociações de Leonor, como regente, com os concelhos, até a morte de

Andeiro. O segundo (cap. XII a LXI) é o momento em que Leonor luta sozinha contra o Mestre de Avis. No terceiro (cap. LXII a LXXXII), Leonor pede ajuda ao rei de Castela e acaba como sua prisioneira. No quarto (cap. LXXXIII a CLXXXIII), Leonor luta, no cativeiro, contra D. João de Castela e o Mestre de Avis simultaneamente. O quinto e último segmento, composto de apenas um capítulo (CLXXXIV), consiste na fala de João das Regras nas cortes, justificando a ilegitimidade de Beatriz pela conduta de sua mãe (última menção a Leonor Teles na crônica). A *Crônica de D. João I*, parte II, exige uma outra abordagem, uma vez que Leonor só é citada em sete capítulos (I, IV, XXXIII, LX, LXI, LXIX e CXLIV) em toda a crônica

O primeiro capítulo em que o nome de Leonor Teles é citado, na *Crônica de D. Fernando*, inicia-se com a sua genealogia. Somos informados de que Leonor era filha de Martim Afonso Telo e sobrinha do conde de Barcelos, João Afonso Telo. É, portanto, de família nobre de Trás-os-Montes. Sabe-se também que Leonor era casada. Em seguida, Fernão Lopes conta que, naquele tempo, D. Fernando enamora-se de sua meia-irmã D. Beatriz, filha de D. Pedro e Inês de Castro, já indicando o destempero do rei em matéria de amores.

Neste ponto, a narrativa tem um novo corte e Fernão Lopes passa a relatar o acordo de casamento, que não se concretiza, entre D. Fernando e a infante de Aragão e o posterior acordo com a infante de Castela. É neste momento que D. Leonor Teles chega à casa de D. Beatriz, para visitar sua irmã D. Maria. Pela segunda vez, o cronista lembra que Leonor era casada. A beleza da esposa de João Lourenço faz o rei enamorar-se *maravilhosamente e, ferido* do seu amor, tem seu coração *em chagas*.

Este amor foi mantido em segredo até que João Lourenço, marido de Leonor, manda um recado para que esta retornasse. Neste ponto, o cronista revela que Leonor Teles já era mãe (seu filho chamava-se Álvaro da Cunha). D. Fernando procura então D. Maria, irmã de Leonor, e pede que ela minta, dizendo-se muito doente, para que Leonor permanecesse na casa de D. Beatriz. A reação da irmã da futura rainha é de desagrado, por considerar tal ação prejudicial ao próprio rei. D. Maria tenta dissuadir D. Fernando de seu intento, mas este jura que antes conseguiria a anulação do casamento e só depois tomaria Leonor como mulher. D. Maria procura ainda sua irmã Joana e juntas pedem ao conde de Barcelos que faça o rei mudar de idéia, mas é tudo em vão. Leonor foi então procurada por suas irmãs e seu tio, conde de Barcelos, e aconselhada a anular o casamento. Seu marido, temeroso, acaba por fugir para Castela, ficando Leonor desimpedida.

Este primeiro capítulo em que Leonor Teles aparece na *Crônica de D. Fernando* é especialmente interessante para a análise, pois apresenta alguns

aspectos que serão recorrentes e outros que serão revertidos. Até este ponto da narrativa, Leonor Teles não aparece como a culpada pelo desvio de D. Fernando. Leonor foi apenas visitar a irmã e, até ser procurada por sua família, não sabia das intenções do rei. Seus familiares tampouco queriam a união; o próprio conde de Barcelos procurou fazer o rei mudar de idéia. D. Fernando, por sua vez, é apresentado como mulherengo e volúvel. Envolve-se até mesmo com sua meia-irmã, sendo suspeito de tirar-lhe a virgindade, e rompe os acordos de casamento com duas casas reais. Praticamente obriga D. Maria, mulher *sisuda*, a mentir para prolongar a estada de Leonor na corte.

Entretanto, ao longo da narrativa, esses aspectos tenderão a ser revertidos. A paixão de D. Fernando por Leonor e todos os atos indignos que o rei comete em nome dessa paixão serão compreendidos através de duas vertentes que já aparecem neste capítulo: o aspecto maravilhoso do sentimento do rei, como obra de feitiçaria, e o aspecto patológico, do coração ferido e em chagas (e, como veremos adiante, insano).

No capítulo seguinte, D. Fernando procura então D. Henrique de Castela para desfazer o acordo de casamento com sua filha, acrescentando o desejo de manter sua amizade. D. Henrique aceita, mas manifesta seu pesar e afirma que o casamento de D. Fernando com Leonor desfazia muito sua honra e estado. Tendo em vista que Fernão Lopes raramente emite uma opinião própria sobre os fatos narrados, procurando geralmente expressá-la através de seus personagens, as palavras de D. Henrique tornam-se especialmente significativas. A união de D. Fernando com Leonor aparece agora como responsável pelo seu rebaixamento, segundo o julgamento de um outro rei.

D. Fernando envia, então, dois de seus homens como embaixadores para negociar com o rei de Castela a devolução, por ambas as partes, das propriedades doadas em função do casamento que não chegou a ser realizado. Se o capítulo anterior enfatizava os danos ao estatuto do rei, este capítulo torna patente os danos materiais causados pela união de Fernando e Leonor.

A notícia do casamento de D. Fernando espalha-se por todo o reino e desagrada não apenas os *grandes e fidalgos*, como também o *comum povo*. O conselho do rei pronuncia-se contra o casamento, mas é em vão. Em Lisboa, formou-se um grupo de 3000 pessoas (mestrais, besteiros e homens de pé), lideradas por um alfaiate, que procura o rei para manifestar seu desagrado com relação ao casamento. O discurso do alfaiate é enfático:

[...] el-rrei seu senhor tomava por sua molher Lionor Tellez, molher de Joham Lourenço da Cunha seu vassallo; e porquanto isto nom era sua honrra, mas ante fazia gram nojo a Deus e a seus fidallgos e a todo o poboo, que elles, come verdadeiros

portugueses lhe vinham dizer que tomasse molher filha de rrei, quall conuiinha a seu estado; e que quando com filha de rrei casar nom quisesse, que tomasse huua filha d’huu fidallgo de seu rreino, quall sua mercee fosse, de que ouvesse filhos legitimos que reinassem depós elle, e nom tomasse molher alhea, ca era cousa que nom aviam de conssentir; nem el nom avia por que lhe teer esta a mall, cam nom quiriam perder huu tam boom rrei como elle por huua maa molher que o tiinha enfeiticado.⁵

D. Fernando, após ouvir o alfaiate, de início nega ter recebido Leonor como esposa e, em seguida, convoca todos para um encontro no mosteiro de São Domingos, no dia seguinte, alegando necessidade de tempo para pensar. O povo reunido aceita, mas comenta que, se preciso, pegará em armas para separar os dois. Essa passagem é muito importante, pois reúne elementos dispersos na narrativa. Em primeiro lugar, a atitude do rei promove a união entre todos no reino, respaldada pela vontade divina: fidalgos e povo, os verdadeiros portugueses, ao lado de Deus. Em segundo lugar, o casamento indigno do rei não geraria filhos legítimos que reinassem depois dele. Aqui, anuncia-se o fim da dinastia. Em terceiro, agora Leonor aparece claramente como a culpada pela atitude do rei: D. Fernando é *tão bom rei*, e Leonor uma *má mulher* que o enfeitizou (a justificativa no plano do maravilhoso retorna à narrativa). Em último lugar, dá-se continuidade à degradação do comportamento do rei. D. Fernando já se mostrou incapaz de controlar seus desejos, fez uma boa mulher mentir para atingir seus objetivos, roubou a mulher de um vassalo, voltou atrás com a palavra dada a outro rei e agora mente diante do povo reunido, afirmando não estar casado com Leonor. O próximo passo será demonstrar covardia, faltando ao encontro.

No dia seguinte, o povo reúne-se no mosteiro, mas o rei não aparece e foge com Leonor, chamando os homens do povo de traidores. O cronista afirma que o descontentamento atinge todo o reino: Lisboa, Santarém, Alenquer, Tomar, Abrantes, etc.

Temerosa de que o falatório influenciasse o rei, Leonor manda espiões para descobrir os que mais falavam. Assim, muitos foram presos, decepados e tiveram seus bens tomados. Este capítulo dá prosseguimento às ações consideradas indignas de um rei praticadas por D. Fernando. O rei foge do povo, mostrando-se covarde, é manipulado por Leonor, mostrando-se fraco, e falha no exercício de sua principal prerrogativa: a justiça. O povo, por sua vez, mostra-se revoltado contra Leonor e o casamento, mas não contra o rei. O capítulo reforça, também, a união que a repulsa ao casamento proporciona em Portugal. Anteriormente já havia sido citada a união das diferentes camadas sociais, agora menciona-se a união geográfica.

Certo dia, D. Fernando decide tornar público o casamento com D. Leonor e um preposto anuncia a união apresentando Leonor como *muito nobre e conveniente*. Tal declaração desagrade a todos, os *grandes* e os *pequenos*. Aqui, o contraste entre o discurso do rei e a opinião geral é evidente. Tal contraste serve para mais uma vez reforçar a união do povo português diante do casamento indesejado.

O anúncio público do casamento de D. Fernando e Leonor deixou o povo *maravilhado*. Por outro lado, o cronista propõe-se, então, a tecer alguns comentários baseando-se nos “*ditos dos entendidos, fundados em siso*”, fornecendo outra explicação para a atitude do rei.

A doença impede o homem de fazer um correto julgamento das coisas. O homem doente não julga o jeito da coisa que vê “*tal qual ele é*”, mas “*tal qual ele parece*”. Assim, “*julga a feia por formosa e aquela que traz dano por proveitosa e todo juízo da razão é subvertido*”.

As duas explicações – a do povo e a de Fernão Lopes – para a atitude do rei diante de Leonor, já anunciadas anteriormente, são retomadas e detalhadas neste capítulo. Em primeiro lugar, o papel do maravilhoso. As definições de maravilhoso expressas por Le Goff⁶ e Mollat⁷ ajudam a compreender a recorrência da palavra na crônica de Fernão Lopes para caracterizar o sentimento geral em relação à união entre D. Fernando e Leonor, assim como o sentimento do rei diante da beleza da amante. Para Le Goff, o maravilhoso é uma manifestação sensorial do imaginário, com grande ênfase no aspecto visual. Corresponde ao plural *mirabilia*, as maravilhas. Onde nós vemos uma categoria do espírito ou da literatura, os homens medievais, segundo Le Goff, viam um universo de objetos. Para Mollat, maravilhoso é o que assombra, o que é contrário à natureza, evocando beleza ou horror, anjo ou demônio.

O maravilhoso como manifestação sensorial do imaginário, com ênfase no aspecto visual, de que fala Le Goff, aparece na narrativa de Fernão Lopes logo que D. Fernando vê Leonor: é a beleza da mulher que deixa o rei *maravilhosamente* enamorado. Tão enamorado que levanta suspeitas de feitiçaria. O povo, por sua vez, também fica maravilhado, mas não pela beleza, e sim pelo horror. Leonor parece reunir as duas faces da definição de Michel Mollat: é anjo para o rei e demônio para o povo. Mas, por que o rei não vê o que todos vêem? Aqui entra a segunda parte da explicação, fundada no siso: o rei perdeu o juízo. Já não se está diante do maravilhoso, mas da razão. O rei está doente, sofre de uma espécie de sandice, tem prazer com a dor e recusa-se a aceitar a cura. Sua loucura faz com que todo juízo da razão seja subvertido, de forma que toma o feio por bonito, etc.

Se, ao longo da narrativa, o rei já havia perdido a qualidade de fazer a justiça, agora ele perde a temperança, o siso. E sem tais qualidades não pode

reinar. A imagem recorrente da literatura medieval que concebe o reino como um corpo e o rei como a cabeça deste corpo é reveladora da importância da capacidade do uso da razão na figura do rei. A razão do rei justo e sábio. A passagem, efetuada pelo cronista, do plano do maravilhoso para o plano da razão, como explicação para as atitudes de D. Fernando, não deixa a menor sombra de dúvida sobre sua incapacidade para governar.

A narrativa de Fernão Lopes, nos capítulos que vão desde o primeiro encontro de D. Fernando e Leonor Teles até a repercussão da notícia oficial do casamento, cresce no sentido de apontar Leonor como a culpada pelos atos indignos do rei. Tais atos também vão acentuando-se de forma negativa: o rei mente, foge, não mantém sua palavra, comete injustiças. A explicação desse comportamento desonroso oscila entre o maravilhoso (feitiçaria) e o patológico (doença/loucura). O casamento rebaixa seu estado e não pode gerar filhos legítimos. Todos os vetores apontam para sua incapacidade de governar.

Por outro lado, a aproximação indesejada de Fernando e Leonor gera uma grande união no reino. A união é horizontal, abrangendo todos os lugares do reino, e vertical, formando uma aliança entre os diversos grupos sociais, os verdadeiros portugueses, que têm o apoio de Deus.

A figura de Leonor Teles na *Crônica de D. Fernando* possibilita, dessa forma, já neste primeiro segmento da narrativa, não só a formação de uma imagem negativa para o final do reinado da dinastia de Borgonha, de maneira a justificar a Dinastia de Avis, mas também a elaboração de uma idéia de coesão geográfica e populacional, o que será um elemento indispensável na formação da identidade nacional portuguesa.

No segundo segmento da narrativa, Leonor já é oficialmente rainha e começa a influenciar nos assuntos do reino. O capítulo LXV é dedicado justamente às suas ações como rainha:

[...] era bem manceba em fresca hidade e iguall em grandeza de corpo; avia loução e gracioso geesto e todallas feições do rosto quaaes o dereito da fremosfera outorga, tall que nehuua por estonce era a ella semelhavell em bem parecer e dulcidom de falla, [...] Ouve grande e vivo entendimento por afortallezar seu estado, tragendo a seu amor e bem-queirança assi as grandes pessoas como as pequenas, mostrando a todos leda conversação, com graada prestança e muitas bem-feiturias.⁸

As qualidades de Leonor como rainha parecem perfeitas, pois além de bela nas feições, gestos e conversação, prestava benfeitorias a grandes e pequenos. É preciso lembrar que Fernão Lopes tinha acesso a uma variada gama de documentos. Era impossível negar o grande volume de doações e favores prestados por Leonor Teles, como convinha a uma rainha. A beleza de Leonor era também

notória. O cronista não se nega a narrar seus feitos, mas, ao final do capítulo, dá um significado a estes:

Era muito graada e liberall a quaaesquer que lhe pediam, entanto que nunca a ella chegou pessoa por lhe demandar mercee que d'ant'ella partisse com vãa esperança. Era ainda de muita esmola e muito caridosa a todos, mas quanto fazia todo danava, depois que conhecerom n'ella que era lavrador de Venus e criada em sua corte: e falando os maldizentes prasmavom-na dizendo que todallas criadas d'aquella senhora [Vênus] se fingem sempre muito amaviosas, portanto que o manto da caridade que mostram seja cobertura de suas desonestos feitos.⁹

Impossibilitado de negar a beleza da rainha e seus feitos caridosos, o cronista os apresenta como uma dissimulação. E Fernão Lopes, mais uma vez, procurando não deixar transparecer sua opinião pessoal, diz que depois *conheceram nela que era lavradora de Vênus, falavam os maldizentes que sob o manto da caridade*, estavam seus *desonestos feitos*. Não é o cronista quem diz, a verdadeira face de Leonor foi descoberta e apregoada pelos maldizentes. A imagem de rainha servindo a Vênus, deusa da formosura e do amor, mas também dos prazeres, confirma a perigosa ambigüidade de Leonor, anjo na aparência e demônio na essência. Esse segundo segmento narrativo enfatiza, também, o peso do poder exercido por Leonor em Portugal. Diego Lopes Pacheco, encarregado das negociações entre D. Fernando e D. Henrique de Castela, afirma que o poder de Leonor emanava de seu feitiço sobre o rei.

Diego Lopes Pacheco acaba por trair D. Fernando e passar para o lado de Castela. O cronista apresenta duas versões para o fato. A primeira era a de que Lopes Pacheco simplesmente apostara numa vitoriosa invasão castelhana a Portugal. A segunda era a de que o embaixador de D. Fernando fugira por medo de Leonor. Na narrativa, a inclinação do cronista para a segunda versão é evidente. Diego Lopes era sagaz e apercebido, por isso tinha receio do que Leonor poderia fazer contra ele.

O poder de Leonor, fundado no ódio e na vingança, é o tema principal desse segundo segmento da narrativa. A rainha vai exercendo sua influência em diversos assuntos do reino, inclusive manipulando e eliminando seu oponentes políticos. Leonor estimula os desejos do irmão de D. Fernando, D. João, de casar-se com sua filha Beatriz, a ponto de levá-lo a assassinar a própria esposa, que era a irmã da rainha. Assim, livra-se de uma vez de D. João, que, perseguido, é obrigado a fugir para Castela. Mas, antes da fuga, Leonor *cuja voz valia mais que todos*, perdoa D. João, mostrando, mais uma vez, sua falsidade. Sobre o possível casamento de Beatriz com D. João, o cronista afirma:

[...] a rainha avia d'esto mui pouca voontade, [...] e temia-sse que fallecendo per morte [o rei], que fosse o iffante [D. João] logo levantado por rrei, [...] e ella desfeita de sua honrra e estado: e por esquivar de todo ponto este aazo aviia desejo de teer sua filha casada em Castella da guisa que o era, ou melhor se seer podesse, por ficar ella rregedor (...) e que assi livremente se asenhoraria do reino; [...]¹⁰

Leonor tem *voz, vontade, desejo*. Seu objetivo é *assenhorar-se* do reino, o que não condiz com o lugar reservado às rainhas portuguesas na narrativa do cronista e no projeto de Avis como um todo.

O terceiro segmento narrativo, na *Crônica de D. Fernando*, enfatiza outro componente do comportamento de Leonor que seria fundamental para a argumentação de seus opositores: o adultério. Seu envolvimento com Andeiro fica patente desde o momento em que o conde é introduzido na crônica. No capítulo CXV, o cronista narra que João Fernandes Andeiro servia de intermediário nas negociações de D. Fernando com a Inglaterra. Tais negociações deveriam ser mantidas em segredo, pois o rei português fizera acordo com Castela, inimiga dos ingleses. Daí, manter Andeiro escondido no castelo.

O local reservado ao encontro de D. Fernando com Andeiro, o quarto onde o rei fazia a sesta com a rainha, já é sugestivo. A presença de Leonor nesses encontros demonstra, mais uma vez, sua participação nos negócios do reino. Por fim, as conversas a sós com Andeiro, sobre assuntos que mais lhes praziam, gerando afeição, são impróprias para a conduta de uma rainha. O rei não tinha suspeitas, mas aqueles que tinham conhecimento do fato, sim. A independência de Leonor, agindo livremente, conforme sua vontade e manifestando suas opiniões, é muito salientada na crônica.

A interferência de Leonor nos assuntos do reino acentua-se neste terceiro segmento da narrativa, que enfatiza sua ligação com Andeiro. A rainha consegue para seu amante o condado de João Afonso Telo. Diante do aumento dos rumores acerca de sua infidelidade, não recua. Ao contrário, avança, trazendo para perto de si a mulher de Andeiro, tratando-a como amiga. O amor da rainha e do conde envolve todos os jogos de sedução do amor cortês. No capítulo CXXXIX, Andeiro chega suado ao castelo e a rainha oferece um lenço para que se enxugue:

E andando-sse Joham Fernandez passeando pella camara com aquell veeo na mão, ficou-sse em joelhos ante ella, e disse com voz baixa mui manssamente: “Senhora, maiss chegado e mais husado queria eu de vós o pano, quando m’o vós ouvessees de dar, que este que me vós daaes”; e a rainha começou de rriir d’esto.¹¹

Os comentários contra a rainha desencadeiam a vingança de Leonor, que manda prender um maldizente. Diante de outro que insinua sobre sua infidelidade, Vasco Gomes de Abreu, Leonor é direta: “hirdes vós dizer ao conde Dom Joham Affonso meu tio que eu dormia com Joham Fernandez d’Andeiro?”.¹² Apesar da negativa de Vasco Gomes, a rainha promete investigar. Leonor chega então à conclusão de que o grande interessado em sua desonra seria o Mestre de Avis.

Neste ponto da narrativa, mais uma vez o cronista mostra-se cauteloso. Leonor teria forjado documentos incriminando o Mestre de Avis, para que o rei mandasse prendê-lo. No entanto, Fernão Lopes não viu tais documentos. Por isso, utiliza do recurso da narração indireta: *dizem alguns* que fez cartas falsas, *uns dizem* que foram trazidas ao rei, *outros contam* que a rainha deu as cartas ao rei.

O Mestre de Avis é preso, mas a própria rainha volta atrás e manda soltá-lo. Leonor inspira medo em seus opositores, que sabem que ela é capaz de matar. A ousadia de Leonor chega ao ápice quando oferece, na frente de todos, um anel a Andeiro. Diante da tentativa de recusa de Andeiro, Leonor responde: “toma tu o que te eu dou [...], e diga cada huu o que quiser.”¹³

Neste terceiro segmento da narrativa, o cronista deixa claro, portanto, o envolvimento de Leonor e Andeiro e a inclinação da rainha para a vingança. Esses fatos têm duas implicações importantes. Por um lado, Leonor, sendo adúltera, não geraria filhos legítimos, incluindo Beatriz, a única que sobrevive. Por outro, seu desejo de vingança não condiz com a temperança necessária para a futura regente de Portugal.

O quarto segmento narrativo é centrado no casamento de D. João de Castela e Beatriz, coincidindo com a doença e a morte de D. Fernando. A morte da rainha de Castela faz com que D. Fernando desfaça os acordos de casamento anteriores da infanta Beatriz e proponha a união com D. João de Castela. No capítulo seguinte, D. Fernando, que começara a apresentar os primeiros sinais da doença, dita as condições para que o casamento se realize. Caso D. Fernando não tivesse mais filhos, Beatriz seria a futura rainha de Portugal, mas, até que seu filho completasse quatorze anos, Leonor seria a regente, escolhendo seu conselho. Morrendo Beatriz, o trono português seria de seu filho ou filha. Se a rainha não tivesse herdeiros, o trono seria de outro filho ou filha que porventura D. Fernando tivesse. Apenas no caso de não haver herdeiros legítimos, o rei de Portugal seria D. João de Castela. Os poderes de Leonor como regente estão muito claros no tratado, assim como a tentativa de impedir a união dos reinos.

Estando o rei ainda doente, Leonor é quem leva a filha a Elvas, para ser entregue ao rei de Castela. Chegando lá, a beleza de Leonor impressiona os

castelhanos. Os encantos de Leonor talvez não enganassem mais os portugueses, mas os castelhanos ficam admirados. A presença de Leonor na concretização da união é marcante em todos os sentidos. É ela quem leva a filha, faz uma aparição espetacular, dá conselhos ao rei de Castela.

Leonor é obrigada a retornar a Lisboa, pois a doença de D. Fernando agravava-se. Acompanhada pelo Mestre de Avis, a rainha pergunta a opinião do mestre acerca do rei castelhano. O Mestre de Avis diz que o rei parecia ser bom cavaleiro. Leonor responde: “porém de mim vos digo que o homem queria eu que fosse mais homem.”¹⁴ A ousadia de Leonor, nesse ponto da narrativa, parece não ter mais limites.

No capítulo em que o cronista narra a cerimônia de juramento de homenagens dos prelados e fidalgos de Castela para manter os tratos, fica muito claro que tais tratos foram elaborados pelo rei português e pela rainha. No capítulo seguinte, Fernão Lopes revela a opinião dos portugueses de que, por tais tratado, *Portugal se vendia*.

Nesse meio tempo, Leonor tem outra filha, que morre logo. Todos suspeitam que não seja do rei. O cronista completa: havia tempo que *o rei não dormia com ela, segundo fama, e ela paria e emprenhava*.

Finalmente, o rei morre. Mas, antes, chama seu confessor e reconhece que não foi um bom monarca e, devido a seus pecados, não pode manter o reino em direito e justiça. Nessa altura da narrativa, já está muito claro que os pecados a que o rei se refere são relativos à sua ligação com Leonor Teles. A rainha não comparece ao enterro, alegando estar sentindo-se mal. Esse quarto segmento narrativo enfatiza a participação de Leonor na realização do casamento que era condenado pelos portugueses. Assiste-se a um rei fraco, morrendo, e uma rainha cada vez mais influente, independente em suas ações e opiniões, negando-se, inclusive, a ir ao enterro do rei.

No quinto e último segmento narrativo, Leonor é a regente de Portugal. Boa parte desta última passagem da crônica é baseada na correspondência de Leonor, à qual certamente Fernão Lopes teve acesso.

O cronista afirma que Leonor começa a reinar com todos os poderes, “husando de toda jurisdição e senhorio em quitar menagees e apresentar egrejas, confirmando seus boos husos e costumes aas villas e cidade que lh’o rrequerir enviavom, como tem husança de fazer huu rrei quando novamente começa de rregnar, [...]”¹⁵. Leonor governa como um rei.

A rainha, que antes da morte do rei se intitulava em suas cartas “Dona Leonor pela graça de Santa Maria rainha de Portugal e do Algarve”, passa a ditar “Dona Leonor pela graça de Deus rainha governadora e regedora dos reinos de Portugal e do Algarve”. A ampliação de seus poderes – nos planos divino

e terrestre – fica assim registrada em suas cartas, o que não passa despercebido aos olhos do tabelião.

Leonor recebe os homens bons da cidade e promete atender a suas reivindicações e acrescenta ainda: “a mim nom compre andar pella terra a montes e a caças, como tem em costume de fazer os rreis, mas tenho voontade tomar assesego nos lugares que dissestes e neesta cidade e despender meu tempo com meus officiaaes e rreger e assesegar o rregno em verdadeira e dereita justiça [...]”.¹⁶

A rainha não apenas pretende governar como um rei, mas de certa forma superá-lo, não perdendo tempo com cavalgadas e caçadas.

Leonor manda, então, que as cidades tomassem voz por Beatriz e que cavalgassem pelas cidades levando pendão e saudando a nova rainha de Portugal, “segundo se costuma de fazer quando rrei morre, por seu filho herdeiro que leixa”¹⁷. A rainha, que governava *como tem usança um rei*, agora manda levar pendão por sua filha, como era costume de se levar por *filho herdeiro*.

Feito isso, Leonor escreve a D. João, endereçando a carta “Ao rei de Castela”, enquanto que, quando escreve a sua filha, dirige-se “A rainha dona Beatriz de Portugal e de Castela nossa senhora”.

Na verdade, Leonor nada mais fazia do que seguir o tratado estabelecido por D. Fernando, que não reconhecia D. João como rei de Portugal. Entretanto, a rainha acabaria enfrentando a oposição interna, dos que temiam uma intervenção iminente do rei castelhano em Portugal, e externa, ao contrapor-se aos interesses de D. João de Castela.

O último capítulo da crônica contém a reação do rei de Castela. Em carta à regente, afirma que se Beatriz era rainha e senhora de Portugal, ele era o rei e senhor do reino. Neste momento final da crônica, fica patente a luta de Leonor Teles para ser uma regente de fato e assegurar os direitos de Beatriz como rainha, sobrepondo-se aos interesses do rei de Castela e dos conselhos que a queriam como um fantoche. Aos olhos do cronista, esse foi justamente o erro de Leonor, que não soube manter-se no lugar reservado às rainhas.

A *Crônica de D. João* (parte I) tem início com a trama que levaria à morte do conde Andeiro. O assassinato do aliado político da rainha, tido como seu amante, é narrado pelo cronista como uma reparação à honra do rei morto. O próprio conde de Barcelos, irmão de Leonor, tem a intenção de matá-lo, alegando o mesmo motivo. Leonor estava ciente da movimentação, pois era *mulher avisada* e consegue evitar esta primeira tentativa. A atitude de Leonor, protegendo Andeiro contra o conde de Barcelos, é vista como uma demonstração de desamor ao irmão.

É interessante notar que, se na *Crônica de D. Fernando* o rei é apresentado pelo cronista como totalmente iludido por sua mulher, na crônica seguinte, Fernão Lopes afirma que D. Fernando desconfiava da traição de Leonor e tencionava matar Andeiro, mas, como ficou doente, não pôde fazê-lo. Assim, a morte de Andeiro torna-se mais justificável ao avançar da narrativa.

Entretanto, na passagem em que Nuno Álvares propõe ao Mestre de Avis que este mate Andeiro, o mestre responde que já não ouve *o murmurar das gentes* sobre os *feitos da rainha*. Mais tarde, o mestre cede, mas afirmando que só mataria Andeiro com a ajuda do povo. As duas passagens apresentam pistas sobre o significado do assassinato de Andeiro naquele momento. Por um lado, D. João (o Mestre de Avis) não vê razão para matá-lo, uma vez que as gentes não falavam mais sobre o caso, mostrando que a motivação para a sua morte deveria exceder a questão do resgate da honra pessoal de seu senhor morto. Por outro lado, a exigência de que tivesse ajuda do povo de Lisboa demonstra a dimensão das implicações da morte de Andeiro; não era empreitada para um homem sozinho. Tais considerações não são levantadas pelo cronista, que insiste na pura reparação da honra de D. Fernando. As ponderações de D. João aparecem mais como sua habitual hesitação em tomar determinadas atitudes, mais de uma vez ressaltada pelo cronista.

A demora para que se concretizasse o assassinato de Andeiro é justificada pelo cronista pelo medo que Leonor inspirava, sendo ela aliada do rei de Castela. Este capítulo é posterior ao que narra a reunião da rainha com o conselho, em que esta afirma que o reino se defenderá caso D. João de Castela invada Portugal. A afirmativa de que a rainha tinha o rei de Castela como seu aliado nega, portanto, a intenção de Leonor em entrar em guerra contra Castela, fato narrado anteriormente e provavelmente baseado nos documentos que Fernão Lopes tinha em mãos.

Os preparativos para o atentado contra o conde tomam vulto e o Mestre de Avis com seus homens entram no Paço armados. Finalmente o conde é morto, ferido primeiro pelo Mestre de Avis e depois por Rui Pereira, ao lado dos aposentos da rainha. A reação de Leonor à notícia da morte de Andeiro é significativa:

A rainha quando esto ouvio, ouve gram temor, pero disse: *Oo Santa Maria vall! Como me matarom em elle huu mui boom servidor, e morre martir, ca o matarom mui sem por que; mas eu prometo a Deos que me vaa de manhã a sam Framçisco, e que mamde fazer hi huua gram fugueira, e eu fari taaes salvas quaaes numca molher fez por estas cousas. O que ella tiinha mui pouco em voomtade de fazer.*¹⁸

Nesta passagem, Leonor aparece pela primeira vez com medo, mas é capaz de dominá-lo. Mantém a atitude de inocente, chamando Andeiro de mártir e

desafia a opinião alheia afirmando que fará as honras religiosas por sua morte, como nenhuma mulher jamais fizera. O cronista, entretanto, afirma que esta não era sua intenção, provavelmente insinuando que o conde não importava tanto assim para Leonor ou que esta não era tão religiosa a ponto de promover essa homenagem.

Em seguida Leonor dá a ordem: “Vaão preguntar ao Meestre se ei eu de morrer”. Diante da negativa do Mestre de Avis, Leonor determina: “Pois assi he, dizee lhe que dembargue meus Paaços [...]”¹⁹. A coragem de Leonor é, sem dúvida, uma das características mais marcantes delineadas pelo cronista.

Uma artimanha do Mestre de Avis faz com que se espalhe a notícia de que fora Andeiro quem quisera matar o mestre. O povo volta-se então contra a rainha. O cronista limita-se a narrar a manobra de D. João, sem comentá-la.

Em toda essa primeira passagem da narrativa, em que se delineia a morte de Andeiro, fica patente a frieza de Leonor. A rainha sabe desde o início das intenções de seus opositores. Mostra desamor por seu irmão. É irônica com o mestre. Diante da morte de seu amante, é desafiadora, mas não demonstra verdadeira tristeza (e não era sua intenção, segundo o cronista, prestar-lhe homenagens religiosas). Controla o medo, enfrenta D. João e manda que abandone o castelo.

No segundo segmento narrativo, Leonor, já sem seu principal aliado, empreende sua luta contra o Mestre de Avis. Após a morte de Andeiro, o Mestre de Avis procura uma aproximação com Leonor e vai pedir-lhe perdão por ter matado o conde no Paço. Leonor, de início, mantém silêncio, mas depois, responde em tom de ironia que o Mestre está perdoado.”

O cronista passa a narrar, então, o modo de ação de Leonor:

Foi molher mui emteira e de coração cavalleiroso, buscador de maravilhosas artes, por firmeza de seu estado. Des que ella reinou, apremderom as molheres teer novos geitos com seus maridos, e as mostramças dhuua cousa por outra mais perfeitamente do que sse acha nos amçiaãos tempos, que outra Rainha de Portugal fezesse.²⁰

A caracterização de Leonor como mulher de coração cavalheiresco, buscador de maravilhosos feitos, dá à rainha um perfil único entre as mulheres descritas por Fernão Lopes. São características essencialmente masculinas, louváveis nos homens, mas impróprias para uma rainha. Acrescenta-se a isso o fato de que Leonor tornou-se, segundo o cronista, exemplo entre as mulheres no trato com seus maridos. Mau exemplo, dissimulando suas intenções, mostrando uma coisa por outra. Essa capacidade de dissimular é apresentada como uma estratégia de Leonor.

Neste ponto do relato, o cronista reafirma o temor que a rainha causava a todos. O Mestre de Avis chega a pensar em fugir para a Inglaterra por medo da rainha, *mulher de grande coração*. “Coração”, tem o sentido de coragem, valentia. Leonor tem coragem para se vingar e por isso é temida por todos. Os da cidade de Lisboa pedem, então, que o Mestre permaneça no reino, pois temiam sua vingança. Essa vontade de vingança de Leonor é ponto central na caracterização da personagem, neste momento em que a rainha luta contra o Mestre:

E por tanto a Rainha dona Lionor peer voomtade feminina que geerallmente he muito desejador de vingança, desi husamdo dhuu grandioso coração de que natureza lhe nom fora escassa, nehuua cousa por estomçe a seu emtemdimento era mais rrepresentada, que cuidar ameude todollos modos, per que do Meestre podesse aver comprida ememda.²¹

Tal vontade de vingança é própria, para o cronista, da *vontade feminina*. Leonor assume características masculinas, como a coragem, os atos cavalheirescos, mas sua vontade é de mulher, que geralmente só quer a vingança.

Em seguida, a rainha recebe representantes de Lisboa com a proposta de casamento do Mestre de Avis e o pedido de garantia de segurança para a cidade que se revoltara contra ela. Leonor recusa o pedido de casamento, mas dá a garantia para a cidade. Essa atitude mais uma vez é vista pelo cronista como uma dissimulação da sua intenção verdadeira, que era a vingança: “E por mais çertos seerem de tall seguramça e no poerem em ello duvida, que fimgeeo que comuungava dhuua hostia, a qual afirmam que nom era sagrada, e deu lhe suas cartas de seguro pera sse partirem.”²² A imagem de Leonor, comungando com uma hóstia que não era sagrada para ludibriar seus opositores, é extremamente forte. O cronista não assume a responsabilidade da acusação: “afirmam que não era sagrada”.

Leonor persiste ainda na tentativa de vencer o Mestre, inclusive procurando o apoio de Nuno Álvares, que recusa. Por fim, diante da cidade em revolta, acaba por mandar entregar o castelo ao Mestre de Avis.

No terceiro segmento narrativo, Leonor pede ajuda ao rei de Castela para vencer o Mestre de Avis. Esse pedido não significava, para o cronista, uma mostra de submissão a D. João de Castela. Leonor queria apenas ajuda para se vingar e depois continuar reinando ela mesma. Mas, se esse era o cálculo político de Leonor Teles, isso não impedia que percebesse o risco que estava correndo de cair nas mãos do rei castelhano: “molher sages e perçebida em todo, que nom tiinha o coração be seguro, que elRei teeria em seus feitos aquella maneira que ella desejava e queria. E rreçeamdo muitas cousas e nehuua seemdo segura, que duvidava muito sahir do castello, se se poer em poder delRei [...]”²³

A estratégia de Leonor é mais uma vez usar a dissimulação e vai ao encontro do rei fingindo estar muito sentida, choramingando. Entretanto, os temores de Leonor realizam-se e o rei de Castela diz que só vai ajudá-la se renunciar ao poder em favor dele. A rainha cede e ainda procura agradar D. João de Castela oferecendo jóias e presentes²⁴. Essa aparente cordialidade inicial rompe-se, no entanto, quando D. João nega a Leonor um pedido acerca da nomeação de um protegido da rainha.

Leonor, já prisioneira do rei castelhano, começa a incentivar seus aliados para que apoiassem agora o Mestre e rei de Castela já não esconde seu desagrado com a rainha:

[...] elRei começou de desprazer dos modos da Rainha, dizem que foi **porque a vio mui solta em fallar, teedo geitos em suas fallas, nom quaaes compria a molher viuva**, moormente avendo tam pouco que elRei Dom Fernando morrera, ella toda cuberta de doo [...] ²⁵

É muito significativo que o motivo apresentado para o descontentamento de D. João com relação a Leonor estivesse no plano do comportamento da rainha como mulher viúva. A não aceitação, por parte de Leonor, do padrão de comportamento feminino, especialmente na qualidade de rainha, aparece, na sua narrativa, como principal falha aos olhos de um rei. Leonor Teles não se dá por vencida e trama uma conspiração contra o rei de Castela. Desmascarada, é chamada diante de D. João de Castela “e ella nom embargamdo que vehesse como presa, **viinha bem sem medo, sem mudança que mostrasse, como molher de gram coração;** e emtrou ella soo na camara e no outrem [...]”²⁶. A coragem de Leonor é mantida até o fim, assim como sua ousadia. Diante da ameaça de D. João de mandá-la presa para um mosteiro, a rainha responde: “Isso fazee vos a alguua irmãã se a teverdes, que a metee por freira neesse Moesteiro; ca vos a mim nom avees de fazer freira, nem nuca vollo olho tem de veer.”²⁷. Leonor não apenas enfrenta o rei, mas também deixa claro que jamais será uma freira.

No quarto segmento da narrativa, Leonor é levada para o mosteiro em Castela e já não pode mais influir nos acontecimentos de Portugal. Entretanto, sua tenacidade não diminui. Durante o trajeto para seu cativeiro, a rainha ainda escreve cartas aos que considera seus aliados, mas estas não chegam a tempo de impedir sua ida para o Mosteiro de Tordesilhas

A partir desse ponto, o cronista praticamente não se ocupa mais de Leonor Teles e passa a narrar o avanço da Revolução de Avis e as conquistas do Mestre e de Nuno Álvares. Entretanto, Fernão Lopes dá a entender que Leonor continuava a acompanhar do exílio a movimentação política em Portugal.

A rainha mantém o rancor por aqueles que não a ajudaram até o fim, especialmente seus familiares. Presa no mosteiro, completamente impotente com relação aos assuntos do reino, Leonor Teles aparece ainda na narrativa prevendo (e desejando) o isolamento do Mestre de Avis. A última menção a Leonor Teles na primeira parte da *Crônica de D. João* se dá com a reprodução do discurso de João das Regras nas Cortes de Lisboa, no qual procura provar que Beatriz não seria legitimamente herdeira do trono português. Toda a argumentação baseia-se na conduta de sua mãe, Leonor Teles.

João das Regras, citado por Fernão Lopes, inicia sua argumentação nas Cortes pedindo a todos que esqueçam a afeição que porventura tiverem às pessoas envolvidas. Nota-se que a argumentação usada por João das Regras para que se deixe a afeição de lado é a mesma que Fernão Lopes utiliza, na *Crônica de D. Fernando*, para explicar o destempero do rei, no seu amor por Leonor Teles. A afeição, o amor, faz com que o *entendimento perca o juízo, perverte o juízo da razão*.

Em seguida, João das Regras fornece o primeiro argumento para que Beatriz não fosse considerada legítima herdeira do trono português: D. Fernando não poderia ter casado com Leonor, pois esta já era casada com João Lourenço da Cunha e tinha um filho, Alvaro da Cunha. Diz ainda que Leonor escondeu ter esse filho, mudando seu nome e fazendo-se passar por virgem. O episódio da mudança de nome do filho de Leonor, para fazer passá-lo por filho de outro casal, e a alegação de que Leonor era ainda virgem, embora casada, não aparecem na *Crônica de D. Fernando*, possivelmente porque o cronista não tinha provas sobre esses fatos.

João das Regras segue a argumentação dizendo que alguns afirmavam que o casamento anterior de Leonor não valia, pois era parente de João Lourenço. O parlamentar rebate este argumento dizendo que o casal obtivera dispensa do Papa. Entretanto, prosseguindo na mesma linha de raciocínio, João das Regras procura provar que o casamento de Leonor com o rei não valia, pelo mesmo motivo, pois seriam parentes.

Finalmente, João das Regras apresenta seu argumento definitivo contra a legitimidade de Beatriz:

Aimda mais venho a outra rrazom, posto que mimgua aqui nom faça; e digo, que toda molher que he emfamada que faz malldade a seu marido, e desto he pubrica voz e fama, que os filhos que della naçem, o derecho presume e há por sospeitos, que podem seer nom de seu marido; ca pois ella com dous dorme, mui mall sera çerta de quall delles empenha. [...] nom tomariamos nos sua filha desta, pois que o derecho a tem por sospeita, por seer filha de madre nom casta.²⁸

A conduta da rainha, mulher não casta, anula a legitimidade de Beatriz. A última menção a Leonor Teles na *Crônica de D. João*, primeira parte, é decisiva quanto ao seu aniquilamento político e moral. Fernão Lopes vai buscar no discurso de João das Regras a conclusão definitiva acerca dos pretensos direitos de Leonor. A rainha desaparece, a partir daí, da cena política narrada por Fernão Lopes.

A segunda parte da *Crônica de D. João* revela mais por omissão do que por sua eloquência. São raras as menções a Leonor, que de fato estava no exílio e em nada podia interferir nos assuntos do reino.

Há ainda uma última menção a Leonor digna de nota. É a passagem em que Fernão Lopes justifica a desobrigação de todos aqueles que tinham prestado homenagem e jurado fidelidade a Leonor:

Ca posto que o Papa de Roma Bonifácio novamente mandase ante desto publicar huua carta, que visto como a Rainha donna Lianor, madre da Rainha dona Britiz, e isso mesmo el Rey seu gemrro, erao comdenados publicamente como filhos de perdição, por çismaticos ireges, e todalas pessoas a eles chegados, por seu antecessor Urbano seisto²⁹

Leonor, além de traidora e adúltera, é agora cismática e herege. A rainha está morta para a história de Portugal, não há argumentos que a reabilitem. Isso talvez explique o fato de que o cronista não se dê ao trabalho de narrar sua morte no Mosteiro de Tordesilhas, em 1386. Leonor simplesmente desaparece na narrativa de Fernão Lopes.

Ao seguirmos o fio narrativo de Fernão Lopes, procurando traças um perfil de Leonor Teles, o nosso objetivo não era o de resgatar ou reescrever a história desta controvertida rainha, mas sim da imagem que dela fez o principal cronista da dinastia de Avis. Procuramos identificar em sua narrativa as qualidades e ações destacadas e, na medida do possível, relacioná-las com o projeto político da nova dinastia, no sentido da legitimação do rei D. João, Mestre de Avis.

A rainha que emerge das crônicas de Fernão Lopes, persiste tenazmente no intuito de fazer valer seus direitos de regente, que de fato constam do tratado de Slavaterra, lidando em pé de igualdade com os homens mais influentes de Portugal e Castela. O discurso narrativo de Fernão Lopes procura associar essa luta pelo poder por parte de Leonor a uma personalidade perversa, em resumo, igualando-a à própria Eva. A eficácia deste discurso é impressionante, como vimos no início deste artigo. A beleza superficial, a extravagância, a fala incontida e a tenacidade em manifestar e fazer valer sua vontade são traços marcantes da Leonor visa por Fernão Lopes. O cronista desenvolve uma narrativa hábil no sentido de deslegitimar o poder conferido à regente Leonor pelo rei D. Fernando,

identificando-a a Eva, o oposto do grande modelo feminino na Idade Média, o modelo mariano. Mas Leonor parece desconcertar o próprio cronista, por apresentar qualidades vistas como essencialmente masculinas, do universo da coragem do mundo dos cavaleiros. Afinal, Leonor foi a rainha “de coração cavalheiresco, buscador de maravilhosos feitos”.

NOTAS

¹ SERRÃO, Joel. Dicionário de História de Portugal. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1965. p. 706.

² As edições aqui utilizadas foram: LOPES, Fernão. Crônica de D. Fernando. Edição crítica por Giuliano Macchi. Lisboa: Imprensa Nacional; casa da Moeda, 1975. 641p.; LOPES, Fernão. Crônica de D. João I. v. 1. Prefácio de Antônio Sérgio. Porto: Civilização, 1945. (Biblioteca Histórica, Série Regia). 493 p. e LOPES, Fernão. Crônica de D. João I. v 2. Edição de M. Lopes de Almeida e Magalhães Bastos. Porto: Civilização, 1949. (Biblioteca Histórica, Série Regia). 641 p.

³ MONTEIRO, João Gouveia. Fernão Lopes: texto e contexto. Coimbra: Minerva, 1988.

⁴ MARTINS, Mário. Frases de orientação dos romances arturianos em Fernão Lopes. Braga: Francisca-na, 1978.

⁵ LOPES, Fernão. Crônica de D. Fernando, cap. LX, p.210.

⁶ LE GOFF Jacques.. O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval. Lisboa: Edições 70, 1985.

⁷ MOLLAT, Michel. Los exploradores del siglo XIII al XVI. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

⁸ LOPES, Fernão. Crônica de D. Fernando, cap. cap.XV, p.227.

⁹ Ibidem, cap. LXV, p.230.

¹⁰ Ibidem, cap. CIV, p. 376-777.

¹¹ Ibidem, cap. CXXXIX, p.488.

¹² Ibidem, cap. CXL, p.492.

¹³ Ibidem, cap. CXLVI, p.510.

¹⁴ Ibidem, cap. CLXIX, p.581.

¹⁵ Ibidem, cap. CLXXIII, p.593.

¹⁶ Ibidem, cap. CLXXIV, p.599.

¹⁷ Ibidem, cap. CLXXV, p.601.

¹⁸ LOPES, Fernão. Crônica de D. João I (Parte I), cap. X, p.23.

¹⁹ Ibidem, cap. cap.X, p.23.

²⁰ Ibidem, cap. XV, p.36.

²¹ Ibidem, cap. XXI, p. 44.

²² Ibidem, cap. XXV, p.51.

²³ Ibidem, cap. LXIV, p. 123.

²⁴ Ibidem, cap. LXVI.

²⁵ Ibidem, cap. LXXVI, p.148.

²⁶ Ibidem, cap. LXXXIII, p.159.

²⁷ Ibidem, cap. LXXXIII, p.160.

²⁸ Ibidem, cap. CLXXXIV, p.397-398.

²⁹ LOPES, Fernão. Crônica de D. João I (Parte II), cap.LX, p.159.